

A interpretação de Calvino do livro de Daniel

The Interpretation by Calvin of the Book of Daniel

José Adriano Filho¹

RESUMO

Os profetas do Antigo Testamento tinham grande significado para João Calvino. Há, tanto em suas prédicas quanto preleções, um projeto de interpretação dos profetas. As preleções sobre os profetas (1555-1564) tinham como principal público “os estudantes”, “os ministros” e “outros ouvintes”, grupos que estavam associados aos esforços empreendidos na difusão da fé reformada na França. É provável que os estudantes fossem os ouvintes primários das preleções, especialmente no período posterior à inauguração da Academia de Genebra (1559), a qual pretendia “preparar jovens para o ministério e para o governo civil”, especialmente os futuros líderes da Igreja na França. Entre esses comentários e preleções, destaca-se o comentário ao livro de Daniel, no qual Calvino estabelece uma relação entre a situação de sofrimento vivida pelo povo de Deus na época de Daniel com a situação das igrejas na França, no momento em que a Reforma lançava ali suas raízes e nos primeiros anos do seu desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE

João Calvino; interpretação bíblica; livro de Daniel.

¹ Doutor em Ciências da Religião (UMESP) e em Teoria e História Literária (UNICAMP), professor da Faculdade Unida de Vitória.

ABSTRACT

The books of the prophets were highly estimated by John Calvin, and both his sermons and lectures present a project of interpretation of the prophets. The Lectures on the prophets (1555-1564) were attended by “students”, “ministers” and “other listeners”, groups that were associated with the efforts in spreading the Reformed faith in France. Probably, the students were the primary audience of the Lectures, especially in the beginnings of the Geneva Academy (1559), which intended to “prepare young people for the ministry and the civil government”, especially the future leaders of the Church in France. Among these Commentaries and Lectures, the commentary to the book of Daniel Calvin establishes a link between the situation of suffering experienced by the people of God in Daniel’s time with the situation of the churches in the beginning of Reformation in France and in the early years of its development.

KEYWORDS

John Calvin; Biblical Interpretation; The Book of Daniel.

João Calvino foi um grande comentarista das Escrituras² e a sua primeira atividade em Genebra foi a de *Lecteur de la Sainte Ecriture*. A tarefa principal do seu ministério era a exegese bíblica e, segundo ele, se quisermos aprender quem é Deus e o que somos, devemos buscá-lo nas Escrituras. Calvino afirma também que a Escritura deve ser lida com o objetivo de nela encontrarmos Cristo, mas sua interpretação do Antigo Testamento não é tão cristológica quanto à de outros teólogos da época. Na verdade, Calvino opõe-se a uma interpretação do Antigo Testamento que enfatize somente o aspecto cristológico, pois a exegese bíblica é somente um aspecto do processo de interpretação. Há passagens do Antigo Testamento que podem ser lidas como referências a Cristo, mas nem por isso perdem seu valor histórico.

² BERG, Jan van den. “O trabalho exegético de Calvino”. In: *Calvino*. Série Leituras da Bíblia. São Paulo/Rio de Janeiro: CEDI, 1991, p. 46-49; PUCKETT, David L. *John Calvin’s Exegesis of the Old Testament*. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1995, p. 56-59.

Calvino dá continuidade a uma tradição anterior, pois os teólogos católicos e os reformadores antes dele viam o Antigo Testamento como imagem e sombra de Cristo, neste ponto seguindo os autores do Novo Testamento que interpretaram Jesus a partir do Antigo Testamento e o Antigo Testamento a partir de próprio Jesus³. Além disso, os problemas trazidos a Genebra pelos anabatistas e antinomistas, que afirmavam que o tempo da Lei passara e rejeitavam toda Igreja e disciplina, levaram-no a demonstrar que a redenção de Cristo, a Lei e o Evangelho não eram antitéticos, há uma unidade entre o Antigo e o Novo Testamentos. Para Calvino, há apenas uma única revelação de um único Deus⁴.

³ Este modelo de interpretação, conhecido como tipológico ou figural, preserva o sentido literal da Escritura Sagrada e encontra prenúncios e analogias historicamente reais da pessoa de Jesus no Antigo Testamento. Um fato narrado no Antigo Testamento - por exemplo, a saída dos israelitas do Egito - prefigura ainda imperfeitamente outro, o advento, a vida e paixão de Cristo, e realiza-se nele em sua perfeição. O Êxodo, assim, seria a prefiguração da redenção da humanidade, obtida por meio da morte de Cristo na cruz. Da mesma forma, o sacrifício de Isaque por Abraão devia prefigurar a morte sacrificial de Cristo por seu Pai; os três dias passados por Jonas no ventre do grande peixe deviam simbolizar o período de tempo entre a morte e a ressurreição de Cristo. A interpretação figural estabelece uma relação entre pessoas ou acontecimentos e não se preocupa com conceitos e abstrações. Ela diferencia-se das formas alegóricas conhecidas de outros contextos pela realidade histórica do que significa e do que é significado, sendo que a justificativa para esta leitura deriva da própria Bíblia (Gálatas 4,21-31; 1 Coríntios 10,6.11). Cf. AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997, p. 13-64; MINNIS, A. J. *Quadruplex Sensus, Multiplex Modus. Interpretation & Allegory*. JON WHITMAN (ed.). Leiden: E. J. Brill, 2003, p. 231-256; LUBAC, Henri de. *The Four Senses of the Scripture*. Vol. I. Grand Rapids/Edinburgh: Eerdmans/T & T Clark, 1998 p. 241-251; BOULLUEC, Allan le. "De Paul à Origène: Continuité ou Divergence". *Allégorie des poètes. Allégorie de philosophes*. Gilbert Dahan et Richard Goulet (orgs.). Paris: Vrin, 2005, p. 113-132; DAWSON, John David. *Christian Figural Reading and the Fashioning of Identity*. Berkeley: University of California Press, 2002; CHARITY, A. C. *Events and their Afterlife. The Dialectics of Christian Typology in the Bible and Dante*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.

⁴ Nas *Institutas da Religião Cristã*, no capítulo "Da Similaridade entre Antigo e Novo Testamento", Calvino demonstra que os dois Testamentos apresentam uma mesma substância, que Cristo está presente no Antigo Testamento de forma obscura, que há vida espiritual e esperança de imortalidade no Antigo Testamento, que a aliança estabelecida por Deus com os Pais não se baseia nos méritos deles, mas na misericórdia de Deus. A aliança feita com os pais é semelhante à aliança feita conosco, é uma mesma com ela, diferindo apenas na ordem em que foi outorgada. A diferença maior que Calvino vê entre o Antigo e o Novo Testamento pode ser resumida da seguinte

Os profetas do Antigo Testamento tinham também grande significado para Calvino. Há, tanto em suas prédicas quanto preleções, um projeto de interpretação dos profetas. Seus comentários aos profetas estão entre suas últimas publicações expositivas. A série começa com o comentário a Isaías, publicado em 1550, mas revisado em 1559. Em seguida, após Gênesis (1554) e Salmos (1557) seguem as exposições a Oséias (1557), aos doze Profetas Menores (1559) e Daniel (1561), Jeremias e Lamentações (1563) e, publicado postumamente, os primeiros vinte capítulos de Ezequiel (1565). Somente a exposição de Isaías é um comentário no sentido moderno do termo, sendo que os demais textos são compilações que seus amigos fizeram das *Preleções* feitas na Academia de Genebra. Dessa forma, os comentários de Calvino sobre os profetas localizam-se à parte das outras exposições das Escrituras que foram publicadas. Com exceção do comentário de Isaías, seu caráter como *Preleções* e a natureza particular do público ao qual foram dirigidas dizem-nos como era a leitura de Calvino dos profetas⁵.

1. A audiência de Calvino

As preleções de Calvino, especialmente sobre os profetas (1555-1564), tinham como principal público “estudantes”, “ministros” e “outros ouvintes”, grupos que estavam associados aos esforços empreendidos na difusão e pregação reformada na França⁶. É provável que os estudantes fossem os ouvintes primários das preleções, especialmente no período posterior à inauguração da Academia de Genebra (1559), que pretendia “preparar jovens para o ministério e para o governo civil”, especialmente os futuros líderes da Igreja na França; o registro dos alunos matriculados após 1559 indica que muitos alunos deixaram a Academia para servir como pastores nas igrejas da França. Os primeiros estudantes

forma: o Antigo Testamento faz conhecer a promessa que o Novo Testamento apresenta como realidade presente. Cf. CALVINO, João. *Institutas da Religião Cristã*. São Paulo: CEP, 1985, Livro II, capítulo 10, par. 2; PUCKETT, 1995, p. 88-91.

⁵ WILCOX, Pete, “The Prophets”. In: *Calvin and the Bible*. Donald K. McKim (ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 107-108.

⁶ WILCOX, 2006, p. 111.

da Academia tinham como objetivo retornar à França, para ali trabalhar em favor da Igreja Reformada⁷.

A preocupação com a difusão da Reforma na França era comum não só aos estudantes, mas também aos “ministros” e “outros ouvintes”. A Junta de Pastores de Genebra era dominada por franceses durante o período da liderança de Calvino na cidade, em especial entre 1555-1564. Os “outros ouvintes” deviam pertencer ao mesmo círculo, já que havia um grande número de refugiados em Genebra na década de 1550-1560, seguindo o exemplo do próprio Calvino. Sem dúvida, foi a Igreja reformada que atraiu a maior parte desses imigrantes para Genebra. A assistência regular às Preleções e a assistência aos sermões (culto) não era compulsória, mas é provável que muitas pessoas que haviam deixado a França e ido para Genebra depois de 1555 estivessem, ocasional ou até mesmo regularmente, entre os ouvintes de Calvino⁸.

Após 1555 e, principalmente depois de 1559, os ministros treinados em Genebra foram enviados à França, por exigência das congregações reformadas de lá. No final de 1561, um desses enviados a Genebra, que esperava uma indicação para trabalhar numa igreja na França, escreveu uma carta a Guilherme Farel, em Neuchâtel, afirmando que havia várias pessoas em Genebra provenientes de muitos lugares da França, recrutando trabalhadores para a colheita na França. A carta centraliza-se na evangelização da França, mas assinala que é “maravilhoso ver os ouvintes das preleções de Calvino, estimando haver mais de mil pessoas cada dia”. Isso sugere que os “outros ouvintes” formavam um grande grupo, não regularmente matriculados na Academia, ou não eram membros da Junta de Pastores. Indica também que muitos desses ouvintes estavam comprometidos com a evangelização. Eles vieram à Genebra de toda a França, recrutando trabalhadores (isto é, pastores), e tinham a oportunidade de ouvir as preleções de Calvino no período em que ali realizavam suas tarefas⁹.

Nem todos os ouvintes de Calvino eram missionários que estavam em treinamento, mas entre eles havia estudantes oriundos de várias partes da

⁷ WILCOX, 2006, p. 112.

⁸ WILCOX, 2006, p. 112-113.

⁹ WILCOX, 2006, p. 113-114.

Europa, como Itália, Alemanha, Inglaterra, Escócia, sendo a maior parte composta por franceses, os quais, como Calvino, estavam envolvidos na evangelização da sua terra natal. As preleções de Calvino foram dirigidas primariamente a este grupo. O caráter desse público nos informa quem compunha este grupo, sendo fácil imaginar o que uma aplicação imediata da exposição da Escritura ocasionaria nos ouvintes quando, no outono de 1559, na décima quinta preleção sobre Daniel, Calvino afirma: “Portanto, quem realmente tira proveito da Palavra de Deus é aquele que aprende que sua vida está sob os cuidados do Senhor e que sua proteção nos basta. Qualquer um que tenha alcançado esta fase será capaz de enfrentar centenas de riscos, pois não hesitará em marchar para onde tenha sido chamado”¹⁰.

2. A situação da Igreja de Cristo no mundo e a proteção do Senhor

O comentário de Calvino ao livro de Daniel estabelece uma relação entre a situação de sofrimento vivida pelo povo de Deus na época de Daniel e a situação das igrejas na França, no momento em que a Reforma lançava ali suas raízes e nos primeiros anos do seu desenvolvimento. Trata-se de um período cruel e difícil que deve ser aplicado à Igreja de seus dias, pois ambas as circunstâncias, do povo judeu lá e da Igreja cá, são similares¹¹. Nesse sentido, a primeira parte do comentário, Daniel 1-6, descreve a situação de perseguição do povo de Deus e relaciona-a com a vida atual da igreja. Calvino relata também como “Daniel ganhou autoridade até mesmo entre os perversos, pois era necessário que ele fosse colocado no ofício profético de forma extraordinária, num período de grande confusão, no qual era difícil crer que houvesse algum profeta no meio do povo de Deus”¹². A segunda parte, capítulos 7-12, por sua vez, mostra como Deus prediz, através de Daniel, o que aguardava o povo eleito. Nesses capítulos, formados por visões que se referem

¹⁰ CALVINO, João. *Daniel*. Vol. 1. Traduzido por Eni Dell Mullins Fonseca. São Paulo: Edições Paracletos, 2000, p. 208-209.

¹¹ CRISTOFANI, J. R. “Heremênutica de Calvino e Lutero”. *Revista Teológica* (SPS), 43, 1996, p. 20.

¹² CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 35.

“particularmente à Igreja de Cristo, o Senhor prediz o futuro, e esse aviso prévio era mais do que necessário”¹³.

No início da exposição ao capítulo 7, Calvino declara:

Aqui Daniel começa oferecendo instrução peculiar à Igreja. Pois Deus anteriormente o designara como intérprete e instrutor de reis profanos. Agora, porém, ele o designa como mestre da Igreja, para que exerça nela seu ofício e sua instrução destinados aos filhos de Deus em seu seio. É mister que notemos esse fator, antes de tudo, porque até aqui as suas predições se estenderam para além dos limites da família da fé; aqui, porém, o dever de Daniel se restringe à Igreja. (...) Antes de tudo, devemos tentar entender o desígnio do Espírito Santo; ou seja, o fim e o uso para os quais ele revelou a Daniel o conteúdo deste capítulo. Todos os profetas insistiram com o povo eleito sobre a esperança de livramento, depois que Deus houvera castigado neles sua ingratidão e obstinação. Ao lermos o que outros profetas anunciaram concernente a sua redenção futura, presumiríamos que à Igreja fora prometido um estado feliz, tranquilo e completamente pacífico, depois que o povo houvesse regressado do cativo. A história, porém, testifica quão diferente foi tal regresso. Pois os fiéis teriam caído exaustos e teriam apostatado, a menos que fossem admoestados sobre as diversas perturbações que estavam por vir¹⁴.

Segundo Calvino, o livro de Daniel é de grande utilidade para a vida da igreja, porque seu autor não falou suas próprias ideias, mas tudo o que proclamou havia sido ditado pelo Espírito Santo¹⁵. Além disso, declara que “mais confiança ainda pode ser adquirida através de outras narrativas – “quando avisa quantas misérias a Igreja enfrentaria nas mãos dos cruéis inimigos”¹⁶. Daniel lista seus pactos, relata os ataques dos inimigos em duas frentes e depois fala sobre as muitas mudanças. O que ele apontou foi tão verdadeiro, que é óbvio que Deus estava falando por sua boca. Daniel foi um instrumento do Santo Espírito e nada proclamou

¹³ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 36.

¹⁴ CALVINO, João. *Daniel*. Vol. 2. Traduzido por Eni Dell Mullins Fonseca. São Paulo: Edições Paracletos, 2000, p. 9-10.

¹⁵ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 37.

¹⁶ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 37.

baseado em suas próprias ideias. Sua inteligência era divinamente evocada a discernir eventos futuros¹⁷.

A grande preocupação de Calvino em estabelecer uma relação entre o texto bíblico e a situação da igreja na França fica clara na dedicatória, quando afirma:

Mesmo assim, tenho plena consciência de quantas indignidades vós tendes sofrido durante os últimos seis meses – não contando os inúmeros fogos que passastes durante trinta anos. Sei que, em muitos lugares, já conhecestes a violência de turbas revoltas, o bombardeio com pedras, os ataques com aço puro. Reconheço que vossos inimigos têm sondado e esperado e, repentina e inesperadamente, interromperam suas reuniões pacíficas com violência. Sei que alguns foram mortos em suas casas, outros nas ruas; corpos foram arrastados como num mero esporte; mulheres foram estupradas; até mesmo uma mulher grávida e seu bebê não nascido foram traspassados; casas foram quebradas e roubadas. No entanto, apesar de atrocidades ainda piores serem passíveis de acontecer no futuro, vós deveis mostrar que sois discípulos de Cristo, bem treinados em sua escola. Precisais cuidar para que nenhuma ação furiosa e intemperada dos perversos vos tire da moderação que até o presente mostrastes e que sozinha tem superado e quebrantado todos os seus assaltos.

E se vierdes a sentir-vos cansados por causa da longa batalha, lembrai-vos da grande profecia que retrata exatamente o estado da igreja. Naqueles dias, Deus mostrou a seu profeta quais conflitos, ansiedades, dificuldades e perigos os judeus enfrentariam desde o fim do exílio e sua volta triunfante à própria nação até o advento de Cristo. No entanto, isso contém uma analogia temporal; essas mesmas coisas são verdadeiras para nós – isto é, devem ser adaptadas para nosso uso. Daniel regozijou-se pela Igreja em miséria, por tanto tempo submersa num profundo dilúvio de maldades, quando deduziu, a partir de um cálculo dos anos, que o dia da libertação previsto por Jeremias estava próximo. Mas o profeta recebeu a resposta de que o destino do povo seria mais duro quando fossem libertados e, como resultado, mal teriam tempo de recuperar-se da contínua sucessão de terríveis calamidades¹⁸.

¹⁷ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 37.

¹⁸ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 27.

A declaração da dedicatória, referente à confiança na intervenção de Deus para salvar seu povo, domina o comentário. Calvino afirma que Deus demonstra desvelo por sua Igreja, até mesmo quando parece haver-se descartado dessa preocupação. Por essa razão, a igreja de Cristo não deve, de forma alguma, sentir-se desanimada:

O profeta não nos encorajou a ter esperança e paciência utilizando apenas os exemplos daqueles dias. Somou a isso uma exortação, ditada pelo Espírito, que se estende a todo o reino de Cristo, pertencendo também a nós. Portanto, não se nos permita que se torne difícil sermos incluídos no número daqueles que se afirma que serão testados pelo fogo e se tornarão puros (brancos e alvos); pois todas as dificuldades da cruz foram mais que compensadoras pela felicidade e glória inestimáveis que ela carrega. A maioria das pessoas pensa que essas coisas não têm sentido algum. Não sejamos contaminados por sua preguiça e enfado, mas mantenhamos firme em nossos corações aquilo que o profeta logo declara, isto é, que os ímpios se comportarão impiedosamente porque não compreendem. No entanto, os filhos de Deus serão dotados de compreensão para que possam apoiar-se no percurso certo do chamado divino¹⁹.

Referindo-se aos companheiros de Daniel quando foram jogados na fornalha ardente, Calvino, ao estabelecer uma relação entre a situação enfrentada por eles e a situação da igreja da sua época, refere-se à proteção que o Senhor dispensa aos fiéis, afirmando:

Mas o que Daniel relata sobre aqueles três também é pertinente a nós. Portanto, é certo inferirmos esta doutrina geral quando o perigo nos ameaça em virtude do testemunho da verdade: em primeiro lugar, que aprendamos que nossas vidas estão nas mãos de Deus; em, segundo lugar, que nos preparemos corajosa e destemidamente para encontrar a morte. Quanto ao primeiro ponto, a experiência nos ensina que grande número se afasta de Deus e invalida a confissão de fé, já que não conseguem crer que há em Deus força suficiente para nos livrar. Obviamente, é verdade que todos dirão: 'Deus tem cuidado de nós, e nossas vidas estão colocadas em suas mãos e vontade'.

¹⁹ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 29-30.

Raramente, porém, um em cem terá esta afirmação gravada de forma profunda e segura em seu coração. Pois cada um procura uma maneira de preservar sua própria vida, como se deus não possuísse poder algum. Portanto, quem realmente tira proveito da Palavra de Deus é aquele que aprende que sua vida está sob os cuidados do Senhor e que sua proteção nos basta. Qualquer um que tenha alcançado esta fase será capaz de enfrentar centenas de riscos, pois não hesitará em marchar para onde tenha sido chamado. A única coisa que nos livrará de todo temor e apreensão é o fato de Deus poder livrar a seus servos de mil mortes, conforme está escrito nos Salmos: 'A ele pertencem os problemas da morte' (Salmo 68.20). A morte parece consumir tudo, mas é desse abismo que Deus resgata a quem ele quer. Esta convicção deveria bastar para encher-nos de inabalável e inexpugnável constância²⁰.

As preleções sempre terminam com uma oração estreitamente relacionada com o tema que está sendo exposto. Tendo sempre em mente a situação de perseguição a que a igreja estava sujeita, destaca-se no comentário uma das orações que declara a confiança em Deus, que jamais permitirá que os fiéis sejam atingidos pelos tiranos desse mundo:

Deus Todo-Poderoso, visto que nos encontramos em perigo todos os dias e em todos os momentos, não só da selvageria de um único tirano, mas todo o mundo é incitado contra nós pelo diabo e os príncipes deste mundo estão armados e prontos para nos destruir; permite que possamos sentir e que possas mostrar-nos através da própria experiência que nossas vidas estão em tuas mãos e que tu serás um fiel guardião e não permitirás que um só cabelo de nossas cabeças caia; mas que nos guardarás de tal maneira que os ímpios também saberão que hoje não nos gloriamos em teu nome em vão, não te invocamos em vão. E quando tivermos experimentado teu cuidado paternal em todo o curso de nossas vidas, permite que, por fim, alcancemos a bendita imortalidade que nos prometeste e que está guardada para nós nos céus através de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém²¹.

²⁰ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 208-209.

²¹ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 110.

3. A verdadeira sabedoria é dom de Deus

Calvino destaca a sabedoria dada por Deus a Daniel na explicação do significado das visões bem com na decifração de sonhos, ao contrário dos magos caldeus, chamados por Calvino de charlatães, que lançam mão de um falso conhecimento na interpretação de sonhos, e iludem as pessoas com falsos pretextos²². Contrariamente à sabedoria “deste mundo”, a “sabedoria de Deus não está oculta na escuridão, senão que nos é revelada”:

Pois Deus diariamente nos dá disso claras e seguras evidências. Aqui ele corrige a ingratidão humana; toda vez que retratem o louvor da excelência de Deus e o atribuem a si próprios, se chegam bem próximos do sacrilégio. Por isso, Daniel declara que não existe sabedoria nos homens, exceto aquela advinda de Deus. Alguns, é claro, são sábios; podem ser até mesmo muitíssimo inteligentes. Entretanto, deve-se perguntar se ela vem deles próprios. Daniel mostra que os homens são engenhosos e invejosos quando reivindicam para si alguma coisa, principalmente quando todos se sentem dominados de admiração por eles; pois nada possuem de si mesmos. Quem se gabará de ser sábio por meio de suas próprias forças? Aquele que criou a sabedoria a qual assume? Já que, então, Deus é o único autor tanto da sabedoria quanto da erudição, dons com os quais ele adorna o homem, elas não obscurecem sua glória, e sim deveriam enaltecê-las²³.

Daniel recebeu o espírito profético, ao contrário dos sábios segundo “este mundo” que não possuem o dom da revelação e prometem mais do que podem comprovar²⁴. Ao comentar a sabedoria de Daniel e seus amigos, Calvino afirma:

Aqui o profeta apresenta o que já mencionamos – a razão porque ele obteve autoridade foi para que cumprisse mais as tarefas de profeta. Ele precisava destacar-se com marcas nítidas, para que os judeus, primeiramente, e depois os estrangeiros, ficassem cientes de ser ele dotado com o espírito profético. Parte dessa graça foi concedida

²² CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 97-99.

²³ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 116-117.

²⁴ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 103-104.

a seus três amigos. (...) Devemos tomar nota desse propósito, pois seria fútil dizer que essa foi uma recompensa a eles paga por Deus em virtude de sua frugal e até mesmo mínima ingestão de alimento, e de sua voluntária abstinência dos prazeres da corte. O propósito de Deus era bem diferente. Ele queria, como já dissemos, exaltar a Daniel para que este pudesse mostrar eficazmente que o Deus de Israel era o único Deus. E também porque tencionava que os amigos de Daniel, no futuro, ocupassem altos cargos na política governamental, destacou-os com uma porção dobrada do Espírito. Entretanto, é importante que mantenhamos os nossos olhos em Daniel, pois, como já mencionamos, o Senhor antes determinou que fosse ele profeta, e queria, por assim dizer, condecorá-lo com sua insígnia oficial, para que seus ensinamentos já encontrassem uma recepção de antemão preparada. Diz ele, portanto, que a estes quatro jovens (isto é, rapazes) foram dados conhecimento e cultura em toda erudição e sabedoria; Daniel, porém, foi dotado com o singular dom da interpretação de sonhos e discernimento de visões²⁵.

No comentário sobre Daniel 2.21: “ele dá sabedoria aos sábios e entendimento àqueles que são dotados de entendimento”, Calvino declara que Deus é autor da sabedoria e da erudição, dons com os quais ele adorna os homens e os quais não obscurecem a sua glória:

(...) a sabedoria de Deus não está oculta na escuridão, senão que nos é revelada. Pois Deus diariamente nos dá disso claras e seguras evidências; Aqui ele também corrige a ingratidão humana; toda vez que retraem o louvor da excelência de Deus e o atribuem a si próprios, se chegam bem próximos do sacrilégio. Por isso, Daniel declara que não existe sabedoria nos homens, exceto aquela advinda de Deus. Alguns, é claro, são sábios; podem ser até mesmo muitíssimo inteligentes. Entretanto, deve-se perguntar se ela vem deles próprios. Daniel mostra que os homens são engenhosos e invejosos quando reivindicam para si alguma coisa, principalmente quando todos se sentem dominados de admiração por eles; pois nada possuem de si mesmos. Quem se gabará de ser sábio por meio de suas próprias forças? Aquele que criou a sabedoria a qual assume? Já que, então, Deus é o único autor tanto da sabedoria quanto da erudição, dons com os quais ele

²⁵ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 75-76.

adorna os homens, elas não obscurecem sua glória, e sim deveriam enaltecê-las²⁶.

A sabedoria e o entendimento são dados por Deus para a glória do seu nome, como diz a oração que finaliza a quarta preleção:

Deus todo Poderoso, de quem procede todo dom perfeito – e embora alguns homens superem a outros em inteligência e clareza mental, ninguém possui nada de si mesmo, mas distribuis a cada um de acordo com tua graciosa liberalidade – permitas que usemos qualquer entendimento dado por ti para a verdadeira glória do seu nome. Permitas também que o que quer que nos seja dado possamos, com humildade e modéstia, entender que vem de ti e que cuidemos bem para nos mantermos em sobriedade, não desejando demais ou corrompendo o conhecimento verdadeiro e genuíno das coisas, mas permanecendo na simplicidade para a qual nos chamas. Permitas também que não mais nos prendamos a coisas terrenas, mas que aprendamos a elevar nossas mentes à verdadeira sabedoria de conhecer-te como o verdadeiro Deus, e dá-nos a obediência à tua retidão. Que estejamos contentes com apenas esta coisa, obedecer-te e nos consagrar inteiramente a ti, para que teu nome seja glorificado durante toda a nossa vida, através de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém²⁷.

4. Poder e idolatria

Na exposição dos capítulos que relatam as perseguições sofridas por Daniel seus companheiros (Daniel 3-6), Calvino frequentemente menciona o arbítrio dos governantes. Ele não desvincula a interpretação do texto bíblico da situação vivida pelas igrejas da França frente aos governantes naquele período. Na preleção sobre a recusa dos amigos de Daniel em obedecer à ordem do rei de adorar a estátua que este mandara construir, afirma:

²⁶ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 117-118.

²⁷ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 86-87.

Em primeiro lugar, Daniel relata que o rei ficou furioso, enraivecido. Pois nada irrita mais a um rei do que ver suas ordens rejeitadas. Querem que todos sejam obedientes, até mesmo quando o que ordenam seja em extremo injusto. No entanto, tudo indica que, depois, o rei consegue dominar-se, quando pergunta a Sadraque, Mesaque e Abede-Nego se estão ou não preparados para adorarem seu deus e a imagem de ouro. Ao falar-lhe em tom hesitante, oferecendo-lhes ainda um escolha aparentemente espontânea, é possível antever certa moderação nas palavras. Pois é como se os libertasse da acusação sob a condição de deixar-se persuadir no futuro. Não obstante, sua fúria ainda refervia sob a enganosa aparência de moderação, porquanto logo em seguida ele acrescenta: ‘Se não obedecerdes, sereis lançados numa fornalha de fogo ardente’. Finalmente, ele se prorrompe em horrível sacrilégio e blasfêmia, dizendo que não existia deus capaz de livrar esses homens santos de sua mão²⁸.

Calvino reflete sobre o poder ao se referir ao rei Nabucodonozor, quando afirma:

Em primeiro lugar, sob a figura de uma árvore, o próprio Nabucodonozor é prefigurado. Não que ele corresponda ao rei em todos os aspectos, mas porque Deus estabeleceu impérios no mundo com o fim único de que fossem como árvores, cujos frutos todos os mortais pudessem comer e sob cuja sombra pudessem descansar. No entanto, esse desígnio divino triunfa para que os tiranos, não importa quão distantes estejam de um reinado moderado e justo, sejam forçados, queiram ou não, ser ‘árvores’; pois é preferível viver sob o mais selvagem dos tiranos do que sem nenhum governo. Podemos imaginar que somos todos iguais; mas, afinal, qual é o resultado de tanta anarquia? Nenhum dará lugar ao outro; cada um tentará qualquer coisa que possa. O resumo de tudo será a licenciosidade para pilhagem e saque, fraude e assassinato. Em suma, as rédeas dos desejos de todos estarão soltas. É por essa razão que afirmo que uma tirania é melhor, e pode prevalecer mais facilmente, do que a anarquia, pois onde não há governo, também não há ninguém para reinar e manter o restante preso aos seus deveres. (...) Em segundo lugar, ele desejava mostrar que, embora os tiranos e outros governantes que se esquecem de seus

²⁸ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 200-201.

deveres não exibam o que Deus pôs sobre eles, ainda assim a graça de Deus sempre brilha sobre todos os impérios. Os tiranos lutam para apagar completamente toda e qualquer luz de retidão e justiça e para tudo confundir. Todavia, o Senhor os sustenta de uma forma secreta e incompreensível, para que se vêem forçados a fazer algo proveitoso em prol da humanidade, quer queiram quer não. Eis que o que devemos guardar dessa figura ou imagem da árvore²⁹.

Ao comentar o episódio em que Daniel foi lançado na cova dos leões, Calvino afirma que muitas vezes os reis e seus conselheiros são brutos e ignorantes:

Notamos nas cortes dos reis que os lugares mais elevados são ocupados por bestas selvagens. Pois, sem querer repetir velhas histórias, os reis de hoje são todos estúpidos e brutos; são como cavalos e jumentos entre os animais selvagens; de modo que, quanto mais ousado for e mais descaradamente empurrar alguém, mais autoridade se granjeia nas cortes. Entretanto, quando Daniel afirma que *era mais excelente*, ele nos apresenta um duplo benefício provindo de Deus: que ele era dotado de um espírito superior; e que Dario, aqui, reconheceu esse espírito, e portanto, assim que percebeu nele um homem diligente e dotado de sabedoria incomum, então o magnificou³⁰.

Segundo Calvino, “Nabucodonozor queria estabelecer a religião entre todas as nações sob as quais então ele reinava, afim de que nenhum distúrbio ocorresse no meio de uma sociedade pluralista, sendo de temer que tal desacordo viesse a estremecer o governo”³¹. Nesse sentido, os príncipes, quando querem legislar acerca da adoração a Deus, costumam olhar para o que lhes agrada, e não para o que Deus ordena. Tal audácia e imprudência leva aqueles que estão investidos de autoridade a fabricar deuses e ordenar a sua adoração:

É oportuno observarmos a divisão de três tipos de deuses: os ‘filosóficos’, os ‘políticos’ e os ‘poéticos’. Os deuses aos quais chamam

²⁹ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 249-250.

³⁰ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 361-362.

³¹ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 185.

de ‘filosóficos’ são aqueles em quem há alguma razão natural para adoração. Obviamente, é verdade que os filósofos se mostram completamente insensatos quanto disputam tanto sobre a essência quanto sobre a adoração devida a Deus. Ao seguirem suas próprias idéias, necessariamente não chegam a parte alguma. Porquanto Deus não pode ser apreendido pela mente humana (...)

Contudo, também havia uma religião entre os gentios, fundada na autoridade de gerações passadas. Chamavam a esses deuses de ‘políticos’, porque eram recebidos por uma ‘política’ de consenso comum (...)

No que diz respeito ao poetas, os filósofos foram forçados a ceder ao capricho das massas, mas, ao mesmo tempo, ensinar que era nocivo o que os poetas aparentavam e inventavam sobre a natureza dos deuses. Portanto, havia no mundo quase que uma só regra de adoração a Deus; essa era, por assim dizer, o alicerce da piedade. (...) “a autoridade augusta dos anciãos é tudo o de que você precisa” (...) o ápice da sagacidade entre os gentios é que o consenso reinava em lugar da razão³².

Nabucodonozor ergueu um novo Deus, pretendendo introduzir uma nova forma de religião, sob o pretexto de que sua memória seria celebrada pelas gerações futuras, como o fazem também os governantes atuais, que não perguntam o que é consistente com a Palavra de Deus e o que é piedade genuína. Eles consideram apenas os erros legados pelas gerações do passado, os aprovam e pensam que estão certos. Mas nada disso é firme, pois tais pessoas não foram instruídas na escola de Deus, a verdadeira religião. Como as folhas se movem quando o vento sopra por entre as árvores, todos os que não estão enraizados na verdade de Deus oscilarão e serão lançados para frente e para trás quando qualquer vento soprar. O decreto régio é como violenta tempestade e os que não se acham solidamente plantados na Palavra de Deus, e não entendem nada do que é absolutamente verdadeiro, são arrastados pela investida de tal tempestade³³.

Dessa forma, quando as Escrituras pretendem distinguir o verdadeiro Deus de todos os deuses inventados, Calvino declara que Deus governa

³² CALVINO, 2000, Vol.1, p. 185-187.

³³ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 190.

todas as coisas por sua mão, que as mantém debaixo do seu domínio e que nada fica escondido dele. São coisas que não podem ser separadas quando a majestade de Deus é considerada:

Vemos os homens fabricarem-se coisas para si, e então chegam a possuir uma incontável miscelânea de deuses, atribuindo a cada um seu próprio ofício. Isso porque não conseguem contentar-se com uma simples unidade no tocante a Deus. Outros inventam uma espécie de semideuses. (...) Confessam que nada podem ocultar-se de Deus, mas que ele prevê todas as coisas; e a isso atribuem todas as previsões que são feitas nas Escrituras. O que dizem é verdade. Não obstante, com isso ofuscam a glória de Deus – não, ele o esmiúçam completamente; pois fazem dele um mero Apolo, cuja função nos tempos antigos era a de prever o futuro (...) Há muitos hoje crendo que Deus é assim, que ele prevê todas as coisas; mas, ou ele guarda seus segredos, ou deliberadamente se retrai do governo do mundo. (...) a “presciência de Deus”, por esse prisma, é insípida e constitui uma especulação infundada. Com disse, *roubam a Deus uma parte de sua glória e, o quanto são capazes, o partem em pedaços* (itálico meu). Entretanto, quando as Escrituras desejam assegurar o que é próprio de Deus, juntam estas duas coisas inseparavelmente: que Deus prevê todas as coisas no sentido em que nada há que se possa ocultar de seus olhos; e, então, que ele mesmo determina o que há de vir, governa o mundo de acordo com sua vontade; nada acontece por acaso, senão unicamente em consonância com seu governo. Portanto, Daniel agora toma esse princípio, ou estes dois princípios, a saber, que somente o Deus de Israel merece o nome de Deus, pois somente a ele pertencem a sabedoria e o poder. Lembremo-nos, portanto, de que Deus é defraudado se seu justo louvor quando esses dois princípios não são mantidos intactos – que ele tem diante dos olhos todas as coisas, e que ele governa o mundo para que nada aconteça alheio à sua vontade³⁴.

Calvino, portanto, ao interpretar o livro de Daniel estabelece uma relação entre a situação de sofrimento vivida pelo povo de Deus na época de Daniel e a situação das igrejas na França, no momento em que a

³⁴ CALVINO, 2000, Vol. 1, p. 112-113.

Reforma se iniciava e nos primeiros anos do seu desenvolvimento. As exposições da primeira parte, Daniel 1-6, que apresentam a situação de perseguição do vivida pelo povo de Deus, estão relacionadas com a vida atual da igreja. O mesmo acontece com as exposições da segunda parte, Daniel 7-12, onde, segundo Calvino, Deus prediz, através de Daniel, os sofrimentos que aguardavam o povo eleito. Trata-se de um período cruel e difícil que deve ser aplicado à Igreja de seus dias, pois ambas as circunstâncias, do povo judeu lá e da Igreja cá, são similares.

A menção frequente do arbítrio dos governantes não pode ser desvinculada da situação vivida pelas igrejas reformadas da França frente aos governantes da época de Calvino. Os santos enfrentariam sofrimentos, mas, segundo Calvino, os que dominam sem admitir o Deus único o usurpam de sua honra peculiar, sendo antes ladrões que reis. Apesar de todas essas circunstâncias, Calvino não deixa de mencionar, em nenhum momento, a confiança em Deus, que jamais permitirá que os fiéis sejam atingidos pelos tiranos desse mundo, além de afirmar que Deus dá sabedoria e entendimento aos fiéis, para a glória do seu nome. Esta confiança está presente nas orações que encerram a trigésima terceira e a trigésima oitava preleções:

Deus onipotente, visto que outrora admoestaste teus servos de que teus filhos, enquanto forem peregrinos neste mundo, devem estar bem a par de bestas horríveis e cruéis, caso a mesma coisa vier a suceder-nos, que estejamos preparados para todo e qualquer combate. Que suportemos e vençamos todas as tentações, e que jamais duvidemos de teu intuito de defender-nos por tua proteção e poder; consoante tua promessa. Que prossigamos pelos meandros de inumeráveis perigos, até que se conclua a trajetória de nossa luta e por fim alcancemos aquele feliz descanso que nos está preparado no céu por Cristo nosso Senhor. Amém³⁵.

Deus Onipotente, visto que outrora permitiste que teus servos mantivessem sua coragem em meio a tantas e tão variadas comoções, faz com que extraiamos a mesma edificação dessas profecias; e visto que temos chegado à plenitude dos tempos, faz com que tiremos proveito dos exemplos da Igreja antiga e das piedosas e santas admoestações

³⁵ CALVINO, 2000, vol. 2, p. 33.

que puseste diante de nós. E assim possamos permanecer firmes e invencíveis contra todos os ataques de Satanás, do mundo e dos ímpios, e assim nossa fé permaneça inexpugnável, até que, por fim, desfrutemos o fruto de sua vitória em teu reino celestial, por Cristo nosso Senhor. Amém³⁶.

Referências

- AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.
- BERG, Jan van den. “O trabalho exegético de Calvino”. In: *Calvino*. Série Leituras da Bíblia. São Paulo/Rio de Janeiro: CEDI, 1991, p. 45-53.
- BOULLUEC, Allan le. “De Paul à Origène: Continuité ou Divergence”. *Allégorie des poètes. Allégorie de philosophes*. Gilbert Dahan et Richard Goulet (orgs.). Paris: Vrin, 2005, p. 113-132.
- CALVINO, João. *As Institutas ou Tratado da Religião Cristã*. São Paulo: CEP, 1985.
- CALVINO, João. Daniel. Vols. 1 e 2. Traduzido por Eni Dell Mullins Fonseca. São Paulo: Edições Paracletos, 2000.
- CHARITY, A. C. *Events and their Afterlife. The Dialectics of Christian Typology in the Bible and Dante*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.
- CRISTOFANI, J. R. “Hermenêutica de Calvino e Lutero”. In: *Revista Teológica (SPS)*, nº. 43, 1996, p.13-23.
- DAWSON, John David. *Christian Figural Reading and the Fashioning of Identity*. Berkeley: University of California Press, 2002.
- LUBAC, Henri de. *The Four Senses of the Scripture*. Vol. I. Grand Rapids/Edinburgh: Eerdmans/T & T Clark, 1998.
- MINNIS, A. J. Quadruplex Sensus, Multiplex Modus. *Interpretation & Allegory*. JON WHITMAN (ed.). Leiden: E. J. Brill, 2003, p. 231-256.
- PUCKETT, David L. *John Calvin's Exegesis of the Old Testament*. Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 1995.

³⁶ CALVINO, 2000, vol. 2, p. 97.

WILCOX, Pete, “The Prophets”. In: *Calvin and the Bible*. Donald k. McKim (ed.). Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 107-130.

NEUSER, Wilhelm H. (ed.). *Calvinus Sacrae Scripturae Professor. Calvin as Confessor of Holy Scripture*. Grand Rapids, Michigan: W. B. E. Pub. Company, 1994.